

A forma justa

Sei que seria possível construir o mundo justo
 As cidades poderiam ser claras e lavadas
 Pelo canto dos espaços e das fontes
 O céu o mar e a terra estão prontos
 A saciar a nossa fome do terrestre
 A terra onde estamos – se ninguém atraísse –
 [propria
 Cada dia a cada um a liberdade e o reino
 – Na concha na flor no homem e no fruto
 Se nada adoecer a própria forma é justa
 E no todo se integra como palavra em verso
 Sei que seria possível construir a forma justa
 De uma cidade humana que fosse
 Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em
 [branco
 E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do
 [mundo

*Sophia de Mello Breyner Andresen
 (O nome das coisas, 1977)*

RESISTIR, à sombra
 da ferida aberta no ar.

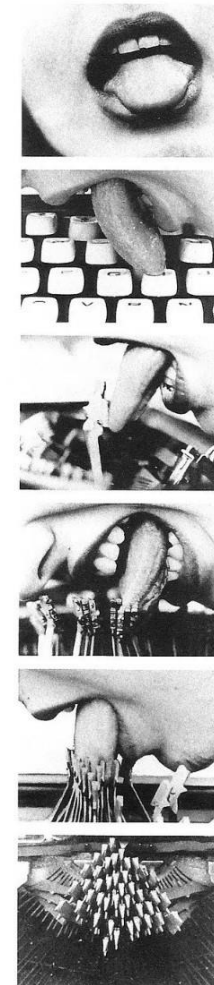
Resistir-por-ninguém-e-por-nada.
 Irreconhecido,
 para ti somente.

Com tudo o que aí tem lugar,
 mesmo sem linguagem.

*Paul Celan
 [trad. Raquel Abi-Sâmara]*

Já conhecem o site www.vallejoandcompany.com? Editado por Mario Pera e Bruno Pólack, **do Peru para o mundo**, o site apresenta um variadíssimo fluxo de poesia latino-americana, de nomes que pouco circulam por aqui. Passe por lá. | E tem também muita poesia brasileira no site: sob curadoria de **Fabrizio Marques**, a Vallejo & Co. já publicou **quase 40 poetas daqui**, em português e espanhol. O mais recente deles é Ruy Proença. Confira. | No site da **Vallejo & Co.** você encontra também livros digitais para baixar de graça, como as antologias *Fuera del alcance de la memoria*, com poemas do próprio Fabrizio Marques, e *Inventar la felicidad*, organizada por Fabrizio e Tarso de Melo, com 12 poetas contemporâneos brasileiros em edição bilíngue. | **Tito Leite**, jovem monge cearense, acaba de lançar *Aurora de cedro* (7Letras). Quem leu *Digitais do caos* (Edith, 2016) sabe que é uma grande notícia. | Também do **Ceará** chegam mais notícias de destaque. | **Diego Vinhas** está com livro novo pronto, prontinho para editar: *Corvos contra a noite*. No próximo número deste microjornal, leia um poema dele. | **Carlos Augusto Lima** vem aí com dois novos livros: *O livro de Carolina* (7Letras) e *A medida da luz* (Alpharrabio)! | E o **Sérgio Medeiros**? Acaba de lançar mais dois livros com poemas que exploram e entrecruzam os campos do verbal e do visual, seguindo na sua trilha inspiradíssima pela caligrafia e o grafismo: *Caligrafias ameríndias* (Medusa) e *Os caminhos e os rios* (Iluminuras) são coisas lindas. | Outro fluxo que tem chacoalhado os leitores de poesia é o da **Galileu Edições**: Jardel Dias Cavalcanti tem lançado diversas edições artesanais, em pequena tiragem, com poemas e traduções de altíssimo nível, porque o editor parece ter acesso à gaveta mágica de **Augusto de Campos**, de onde já saíram Marianne Moore, Sylvia Plath e, recentemente, Arthur Rimbaud. | Corram!

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo
 SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável
 reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado



poema

*Lenora de Barros
 (Zero à esquerda, 1981)*

Dama de branco

o poema é meu corpo
isto a poesia
a carne fatigada
o sonho o sol
atravessando desertos
os extremos da alma se tocam
e te recordo Dickinson
precioso suave fantasma
errando tempo e distância
na boca de outro habitas
você cai no ar e é o ar
que golpeia com sal invisível
minha face
os extremos da alma se tocam
trancam-se e você ouve a terra girar
esse ruído sem luz
areia cega nos golpeia
assim será olhos que foram bocas
que dizia mãos que se abrem
e se fecham vazias
distante em sua janela
vê passar o vento
vê passar o rosto em chamadas
póstuma estrela de verão
e cai feito pássaro
feito neve na fonte
na terra e no esquecimento
e volta com falso nome de mulher
com roupa de inverno
com a branca roupa de
inverno
enlutado

Blanca Varela
[trad. Reynaldo Damazio]

«[...] O cara está vivo, lutando igualzinho a todo mundo, com os meios de que dispõe. Daí que a turma começa a se agitar: tem um vivo por aí? Pau nele, até matar; até – pelo menos – calar sua boca. [...] Mas é sempre bom a gente ficar de olho, prestando atenção nos movimentos da turma...

e ao mesmo tempo velho

para Luiz Inácio Lula da Silva

a criação de tua idade acontece quando a pólvora se
[insinua contra a minoria
e os óculos, tu deixas de lado
e ao mesmo tempo velho, a barriga passa a ser uma ideia
[para o futuro
que agora supérfluo, te faz ultrapassar a fadiga de todos
[os pés da paz

a ilusão presente não supera o fato de que o pensamento
[arca em tuas gastas vertebbras,
a tolice, como alguns podem dizer, de quebrar a casca
[do ovo e sair
e por mais que o coração esteja fraco, será ele o levante
[sobre os dramas que comungam
a falência que faz a noite durar e exceder o tempo de
[melancolia e tristeza

na contracorrente que fere identidades e sobrepõe estes
[num novelo de utopias
teus joelhos terão força suficiente para esmagar os
[espinhos que navegam
para sacramentar o perfume dado a um jardim vazio
airado para receber o filho preso, o filho morto,
[a mulher enterrada pela opressão

a dor em teus braços dura menos que o tamanho da
[causa
e assim como uma árvore intercalada nas estações
continuas a respirar e crescer
e ao mesmo tempo velho, com o cabelo ralo
as folhas que caem não morrem, germinam
e as que ficam te apoiam

Andreev Veiga

...e sacando seus macetes, que encerram sempre excelentes lições de repressão. Timidez agora é má vontade? Por quê? Onde? A turma da morte é fogo, mas a turma da vida é viva, está viva, graças a Deus!» *Torquato Neto, 14/10/1971.*

A morte e seus adjetivos

em pé diante da mesinha de lata
a farda ruge na calçada estreita
as botinas enormes tentam confiscar
alguma coisa que a moça guarda na mochila

seus cabelos assustados
caracóis entre tranças e garoa
recolhem-se de medo ela urra berra
arreganha os dentes delicados
há pânico por todos os lados

chico fecha às pressas a porta do bar
sob o testemunho da madrugada
um ruído metálico açoita o chão
a mesa tomba
tudo agora é silêncio

a mão de pólvora atingiu ouvido da menina
os cabelos dormem: inertes
do corpo negro corre um pequenino
rio avermelhado a meio-fio
à espera do afago da sarjeta

entre os braços frágeis
protegido da violência
pulsa ainda o livro de poemas

Diana Junkes

«[...] todos os povos amam seus poetas. Eu não sei se todos os povos amam seus cientistas, mas todos os povos amam seus poetas. [...] Os poetas são amados por milhões. Por que que os povos amam seus poetas? É porque os povos precisam disso. Porque os poetas dizem uma coisa que as pessoas precisam que seja dita. O poeta não é um ser de luxo, ele não é uma excrecência ornamental da sociedade. Ele é uma necessidade orgânica de uma sociedade. A sociedade precisa daquilo, daquela loucura para respirar. É através da loucura dos poetas, através da ruptura que eles representam, que a sociedade respira.» *Paulo Leminski, no documentário “Ervilha da fantasia”, 1985.*